

21/03/23

Pág. 11

Gauss M. Cordeiro, professor da **UFPE**"

CHESF - 75 anos

MARIZ M. DE MENEZES* GAUSS M. CORDEIRO**

*ENGENHEIRO ELETRICISTA
**PROFESSOR DA UFPE

Completo no último 15 de março os 75 anos da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF). A data se refere ao decreto assinado pelo então presidente do Brasil, o Sr. Eurico Gaspar Dutra, mas, a efetividade da empresa só pode ser contada a partir de agosto de 1955 quando a primeira unidade geradora da Usina de Paulo Afonso I foi acionada. O que era o Nordeste em 1955?

O suprimento de energia em Recife se fazia por unidades operadas por concessão do Estado à empresa inglesa Tramways. Recife e Salvador foram as duas primeiras capitais da região beneficiadas, porque duas linhas de transmissão de Paulo Afonso, na classe de tensão de 230 kV, alimentaram as subestações abaixadoras de Bonji e Matatu. Foi uma alegria saber que nos

bairros mais afastados do Recife não teríamos mais aquele funcionário desligando, com uma vara, a chave que se conectava à iluminação pública. Este fato decorria de que a usina do Gasômetro da Tramways já tinha esgotado sua capacidade de suprir a cidade. A usina era poluente e a chegada da "energia de Paulo Afonso" veio a começar a limpar o ar da cidade.

A usina de Paulo Afonso I foi projetada para acomodar três unidades geradoras, cada uma com a capacidade de gerar 60.000 kW. Disseram, na época, que seriam necessários muitos anos até que se esgotasse a capacidade da usina suprir toda a região. Muito desconhecimento, ou, falta de visão. Pouco tempo depois, no início da década de 60, tornou-se necessário construir mais duas usinas II-A e II-B de 75.000 kW e 80.000 kW. A demanda não parou por aí e vieram as usinas de Apolônio Sales e Paulo Afonso IV.

A empresa foi a alavanca para o crescimento econômico da região responsabilizando-se por gerar, elevar, transmitir, rebaixar e distribuir energia para todos

os estados do Nordeste. A energia elétrica e seus mistérios tiveram que ser absorvidos pelo corpo técnico da empresa e o comando, inicialmente, situava-se no Rio de Janeiro. Apenas no início da década de 70 é que o comando foi transferido para Recife após uma disputa política entre os estados de Bahia e Pernambuco.

A CHESF sabia que um dia teria que enfrentar a exaustão da capacidade do Rio São Francisco e, ainda na década de 70, começou a se preocupar em estudar fontes alternativas de energia, como as térmica, nuclear, eólica e solar. A incapacidade de manter como encargo do estado sozinho todo o serviço da energia elétrica passou por discussão durante a constituinte de 1988 e a exploração foi aberta ao capital privado. A empresa, então, passou de principal a uma grande coadjuvante no processo de geração de energia. Atualmente tem crescido muito a exploração das modalidades de energias eólica e solar, a ponto de que, em certos dias, a produção dos cataventos nordestinos superam à própria demanda energética diária da

região. A estrutura implantada, com uma maior flexibilidade de suprimento da região, garante a segurança da distribuição diária.

Em artigo anterior publicado, enfatizamos que a energia não tem sido exportada para outros estados, não têm, atualmente, superávit. A dependência das suas necessidades da CHESF pode ser vista na expansão das usinas hidrelétricas e 140 MW de potência total, mais de 10 milhões de Watts, mais de 100 linhas de transmissão e 136 subestações. Beneficiamos à CHESF por suas batalhas ao longo destes 75 anos, uma região privilegiada em função dos seus recursos energéticos e da geração solar, que garante sua existência.

